



RELATÓRIO

GT SELEÇÃO FAMÍLIA MORADORA APARTAMENTO #1

Participantes GT: Bianca Antunes, Marina Grinover, Marina Sawaya, Paula Janovitch, Rodrigo Millan

Consultoras: Fernanda Almeida (assistente social), Marcia Arantes (psicóloga)

Junho/2019

Sumário

1. Introdução	2
2. Etapas do processo	2
2.1 Contato com entidades	3
2.2 Formulário de inscrição	4
2.3 Respostas das entidades	4
2.4 As entrevistas	7
2.5 Reunião final: decisão da família	8
3. Lições aprendidas	9
3.1 Relação com entidades	9
3.2 Formulário	10
3.3 Narrativa FICA	11
4. Conclusões	11
Anexo 1: Formulário das entrevistas	13
Anexo 2: Considerações de Marcia Arantes, psicóloga	14
Anexo 3: Considerações de Fernanda Almeida, assistente social	15
Anexo 4: Formulários preenchidos	17

1. Introdução

Este relatório refere-se à seleção da família moradora para o Apartamento #1 do FICA. Está composto das decisões que levaram à seleção do perfil da família, e do relato do processo de seleção em si, incluindo avaliações do processo e lições aprendidas.

O primeiro apartamento FICA está localizado na Praça Julio Mesquita, 69, no Centro de São Paulo, e possui 47 m2.

2. Etapas do processo

As primeiras decisões para o processo de seleção foram tomadas ainda em 2017. Em novembro daquele ano, a associada Tania Christopoulos realizou um workshop no apartamento do FICA, aplicando uma metodologia intitulada “personificação”. Trata-se da construção progressiva de uma personagem, em grupos, a partir de perguntas sobre como essa personagem apreende o mundo, seus desejos, temores, vivências. Em uma interessante convergência, foram sendo definidos alguns critérios da família que os associados pensavam para habitar o Apartamento #1: uma família chefiada por uma mulher; qualquer composição familiar poderia ser aceita; deveria ser uma família com duas gerações, preferencialmente com crianças; a chefe da família deveria trabalhar na região central.

Durante a assembleia dezembro 2017, o perfil da família também foi discutido. Na época, o dilema referia-se ao local de origem da moradora. Para alguns deveria ser uma pessoa que vivesse atualmente na periferia, porque evitaria longas horas de deslocamento. Para outros, deveria ser alguém que já morasse no centro de São Paulo mas que estivesse ameaçada por altos valores de aluguel ou despejo, evitando a gentrificação e preservando os laços de vizinhança. Como havia apenas um apartamento, a escolha não foi simples. A solução de compromisso para os critérios foi debatida e ficou decidido que seria uma moradora que já tivesse vivido no centro e também em bairros distantes, que poderia, portanto, narrar as distintas experiências.

Em assembleia geral, já em outubro de 2018, foi definido o processo de seleção. Para entrar em contato com as candidatas, a solução proposta em assembleia foi fazer uma seleção indireta, por meio de redes e entidades de confiança do FICA.

Com esses dados em mãos, o processo de seleção começou em janeiro de 2019, com a criação de um Grupo de Trabalho (GT) formado inicialmente pelos associados: Marina Grinover (diretora-presidente FICA), Paula Janovitch e

Rodrigo Millan, e coordenado por Marina Sawaya. Na segunda fase, a partir de maio de 2019, contou também com a associada e coordenadora geral do FICA, Bianca Antunes.

Já nos primeiros encontros do GT, decidiu-se que as entrevistas não poderiam ser feitas apenas por integrantes do FICA, mas que seria necessária a presença de profissionais especializadas em entrevistas e com experiência em projetos sociais. Foi decidido, então, que as entrevistas seriam realizadas por uma assistente social e uma psicóloga. Chegou-se aos nomes de Marcia Arantes e Fernanda Almeida, psicóloga e assistente social, respectivamente, por meio de indicações de associados.

2.1 Contato com entidades

A primeira ação do GT foi consolidar e contactar a lista de entidades a serem envolvidas, que foram sugeridas na assembleia, e também por associados: Associação Beneficente Santa Fé, FLM (Ocupação 9 de Julho), Ocupação São João, União dos Movimentos de Moradia, Instituto Acaia, Lanchonete.org, Fundo Baobá, as Irmãs Scalabrinianas, a ULC e a SEHAB.

Todas as entidades foram contactadas e convidadas a sugerirem candidatas para participarem do processo. Marina Sawaya, então coordenadora do processo seletivo, entrou em contato com as entidades, explicou para cada uma delas a proposta de locação social do FICA e enviou três formulários para cada uma das entidades. Porém, conforme relatado por Marina Sawaya, estas entidades apenas manifestaram o não interesse ou a indicação no momento da devolução dos formulários, o que atrasou o processo. Algumas entidades não tinham interesse em indicar candidatas, outras disseram que o valor de aluguel proposto pelo FICA era muito alto para os participantes e, uma ou duas, relataram que o formulário não havia sido entregue. A estas últimas, os formulários foram então entregues e o prazo foi estendido para que pudessem indicar pessoas. Mesmo assim, o retorno, com exceção à Carmen (FLM), foi em número inferior a três indicações por entidade.

Com a baixa resposta das entidades, foi realizada uma nova rodada, a partir de maio de 2019. O GT, primeiramente, reavaliou o processo de seleção, e quais os caminhos que deveriam ser tomados. A decisão foi seguir com as entidades - já que o processo foi acertado durante assembleia, e mudar a metodologia significaria fazer nova assembleia e atrasar ainda mais o processo. Assim, foi retomado o contato com as entidades que já haviam respondido, explicando novamente o perfil buscado e tentando entender o porquê da baixa resposta.

O GT percebeu que o assunto da oferta de um apartamento e de um processo seletivo não estava introduzido de modo orgânico à rotina das entidades, mas

que, apesar de o tema ser fundamental e afinado com as premissas da maioria delas, é necessária uma aproximação preliminar onde com mais frequência se possa explicar o que é o FICA, quais os objetivos de nossa associação e quais as vantagens de uma parceria. Procuramos mudar a aproximação com as entidades e abrir um contato mais frequente para levantarmos famílias possivelmente interessadas no aluguel justo do apartamento do FICA.

Nesta fase, o GT contactou uma nova entidade que não estava na lista inicial: o Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos. Em uma conversa com advogadas e assistentes sociais do Centro dia 2 de maio, explicou-se os objetivos do FICA e as características da família que se buscava. O grupo se comprometeu a buscar famílias no perfil entre aquelas que atendem.

2.2 Formulário de inscrição

Um formulário de inscrição foi construído entre janeiro e março de 2019, incluindo questões econômicas e sócio-territoriais, como renda familiar, composição familiar e local de residência, até de práticas de lazer e uso do tempo livre, como locais do centro em que costuma ir e por que gostaria de morar no centro [Anexo 01].

O formulário passou por revisão da diretoria FICA e das consultoras Marcia Arantes (psicóloga) e Fernanda Almeida (assistente social). Em maio de 2019, na segunda rodada de contatos com entidade, este formulário foi atualizado no texto de introdução para trazer o novo cronograma.

Mesmo assim, o GT sugere que o formulário seja revisto com a inclusão de um contato direto com a chefe de família. Além disso, alguns levantamentos foram irrelevantes, como a questão dos endereços anteriores.

2.3 Respostas das entidades

A expectativa do GT era receber três nomes por entidade, construindo uma lista de 30 nomes. O GT reduziria essa lista a 10 nomes, que seriam entrevistados, com o apoio da psicóloga e da assistente social.

Mas a resposta das entidades, como explicado acima, não foi tão intensa quanto se imaginou. Percebeu-se que muitas entidades acionadas trabalhavam com famílias que recebiam menos de dois salários mínimos, ou que já estavam na fila para receber um apartamento por meio dos movimentos de ocupação, por exemplo.

Apesar de não ter recebido tantas candidatas quanto se esperava, a experiência foi positiva: após as duas rodadas de chamadas com as entidades, foram recebidos 12 formulários, selecionando 6 famílias para as entrevistas.

A seleção para entrevista teve como principal critério o atendimento aos pré-requisitos definidos nas oficinas e assembleias anteriores

O perfil das entrevistadas variou entre mulheres casadas com filhos/as, mulheres solteiras com filhos/as, casais homoafetivos com filhas, duas irmãs (uma com problemas de saúde) e uma candidata com emprego fixo mas saindo de uma situação de rua. As candidatas que não foram selecionadas tinham famílias numerosas, e com muitos adolescentes/adultos, o que o GT considerou complexo devido ao tamanho do apartamento e à pouca divisão do espaço. Um dos candidatos era composto por dois homens apenas - o tio e o sobrinho.

Abaixo, o perfil geral de todos/as os/as candidatos/as, iniciando com as seis candidatas chamadas para entrevista:

Maria Lucia

Indicação: FLM (Frente de Luta pela Moradia)

Contato: Carmen Silva

3 pessoas: casal + filha

Renda família: $2100 + 1800 = 3900$

Cristina

Indicação: FLM (Frente de Luta pela Moradia)

Contato: Carmen Silva

2 pessoas: irmãs

Renda família: $3600 + 1200 = 4800$

Eliana

Indicação: Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

Contato: Giulia Patitucci

3 pessoas (casal + filha)

Renda família: $2000 + 1300 = 3300$

Mariana

Indicação: Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos

Contato: Kelseny Medeiros

5 pessoas: casal + 3 crianças - 1, 4 e 8 anos

Renda família: 4100

Elineide

Indicação: Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos

Contato: Kelseny Medeiros

3 pessoas: mãe + 2 filhos (21 e 9 anos)

Renda família: 1650 + 1800 = 3450

Patrícia

Indicação: Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos

Contato: Kelseny Medeiros

3 pessoas: 2 mulheres (casal) + filha bebê (1 ano e 5 meses)

Renda família: 7500

Obs: a renda familiar é um pouco alta, queríamos entender se é uma renda real, e confirmar quanto cada uma recebe mensalmente.

não selecionados

Maria

Indicação: Lanchonete.org

Contato: Paula

5 pessoas: 4 adultos + 1 bebê

Renda família: 6000 + 4000 = 10.000

motivo da não seleção: muitos adultos

José Eduardo

Indicação: FLM (Frente de Luta pela Moradia)

Contato: Carmen Silva

2 pessoas: tio e sobrinho

Renda família: 3600 + 1200 = 4800

motivo da não seleção: dois homens, não há mulheres

Tatiane

Indicação: FLM (Frente de Luta pela Moradia)

Contato: Carmen Silva

3 pessoas: avó + mulher + filha

Renda família: 2600 + 6000 = 8600

motivo da não seleção: renda muito alta

Maria Eva

Indicação: Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos

Contato: Kelseny Medeiros

5 pessoas: 3 adultos, 2 crianças

Renda família: 3.340

motivo da não seleção: muitos adultos

Maria Ivonete

Indicação: Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos

Contato: Kelseny Medeiros

5 pessoas: 3 filhos adolescentes + casal

Renda família: 2500 + 1700 = 4200

motivo da não seleção: muitos adolescentes/adultos

Simone

Indicação: Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos

Contato: Kelseny Medeiros

5 pessoas: casal + 2 adolescentes + 1 criança

Renda família: 1100 + 432 (bolsa família) = 1532

motivo da não seleção: muitos adolescentes/adultos + renda baixa

2.4 As entrevistas

As entrevistas foram realizadas dias 30 e 31 de maio no próprio apartamento FICA, e uma entrevista foi realizada dia 1 de junho na sede da Base Urbana.

Dia 30 de maio foram entrevistadas 4 candidatas, com a presença da Márcia, Fernanda e Bianca Antunes, entre 14h e 17h; dia 31 de maio foi realizada uma entrevista às 11h com a presença de Márcia, Fernanda e Rodrigo Millan; dia 1 de junho a entrevista com uma candidata foi feita às 9h com a presença da Márcia, Fernanda e Bianca.

Márcia apontou a vantagem de se fazer as entrevistas no local do apartamento, pois a candidata já aponta questões relativas ao local. O único inconveniente, no caso das entrevistas do Apartamento #1, é que o local estava em obras e com muita poeira. Fernanda concorda, mas levantou a questão da presença dos filhos: eles podem ficar frustrados em caso de não seleção, e isso pode afetá-los mais do que aos pais. Como a mãe normalmente é a responsável pelos filhos, essa questão não se resolve facilmente.

As conversas giraram em torno das vidas pessoais e profissionais das candidatas, das expectativas em relação ao futuro, do porquê o apartamento seria importante em sua atual fase de vida. Um item levantado por Marcia Arantes [Anexo 2] é o desejo de morar no Centro de São Paulo expresso pelas candidatas. "Esse desejo vem ancorado em considerações a respeito de escola

próxima para os filhos, proximidade com o local de trabalho, opção também próxima de lazer nos finais de semana. Parque e SESC (24 de maio e Bom Retiro) são citados com frequência nesse quesito". Fernanda Almeida reforça essa visão do Centro, e a diferencia o modo como essas famílias veem o bairro do modo como a classe média o vê: "Essas famílias são portadoras de uma forma de morar no centro que os novos moradores – classe média (hipster) – não necessariamente valoriza. Ainda há vizinhança e comunidade" [Anexo 3].

2.5 Reunião final: decisão da família

Dia 1 de junho, entre 9h30 e 12h, foi realizada a reunião final para a seleção da família moradora. Márcia e Fernanda começaram analisando o processo geral e os perfis como um todo. Logo depois, falaram sobre cada candidata, seus pontos fortes e fracos de acordo com o perfil pretendido pelo FICA.

A família selecionada responde às principais características do perfil pensado pelo FICA: tem filhos, trabalha no centro, possui renda de pouco mais do que três salários mínimos. "Não foi difícil chegar à “candidata aprovada”, assim como, criar uma classificação entre elas, acredito que esse fato se deve em primeiro lugar pelos critérios por vocês apresentados e previamente discutidos. Estava muito claro quais eram as necessidades do FICA, tanto do ponto de vista da “primeira inquilina”, quanto ao perfil socioassistencial”, relatou Fernanda [Anexo 3].

Um dos critérios não foi preenchido por nenhuma das selecionadas para as entrevistas: o de ter experiência de moradia na periferia e no centro. Muitas candidatas, aliás, não nasceram em São Paulo, mas vieram do Nordeste, como Bahia e Paraíba. A candidata selecionada (Mariana) chegou a São Paulo do Nordeste, ainda criança, com a família e sempre morou no Centro de São Paulo, onde construiu toda sua vida: foi onde estudou, onde conheceu o marido, onde os filhos nasceram e estudam atualmente.

O motivo da seleção de Mariana foi ter preenchido a maioria dos requisitos do perfil construído pelo FICA. Possui uma família estruturada, o marido trabalha há 11 anos no mesmo local, Mariana é manicure e cuida dos três filhos. Na ocupação, é quem toma conta dos problemas, e para quem as famílias recorrem - foi Mariana quem ajudou a preencher os formulários de algumas candidatas de lá. Os três filhos (1, 4 e 8 anos) estão na escola/creche da região. Para Mariana, sair da ocupação significa garantir estabilidade para os filhos. Hoje a família mora em um cômodo sem janelas - é a loja térrea do pequeno edifício nos Campos Elísios, que foi dividida em duas partes, uma para cada família.

A segunda candidata foi Elineide, mãe de dois filhos - de 21 e de 9 anos. Cozinheira, trabalha de segunda a sábado das 7h30 às 16h, e é a única

cozinheira de um restaurante por quilo na região do Bom Retiro: cozinha, sozinha, 36 pratos quentes (só com a ajuda de 2 funcionários que cortam/picam legumes), pilotando 24 bocas de fogão simultaneamente. Separou-se do pai do primeiro filho, com quem veio a São Paulo da Bahia, e o segundo marido, pai da filha de 9 anos, foi assassinado na volta do trabalho, provavelmente por engano.

Maria Lucia foi a terceira candidata, mora com a filha em um quartinho, e quer sair porque o ambiente é ruim para a filha - nunca a deixa sozinha em casa. Tem uma relação complicada com o marido, com quem está há 24 anos, mas que possui outra esposa.

Cristina é a quarta colocada. Mora com a irmã que tem problemas psiquiátricos e, por isso, a irmã não pode trabalhar. Mora de aluguel hoje na região da Bela Vista, mas o valor está muito alto, e precisa encontrar um aluguel mais barato.

Patrícia mora na ocupação também, mas paga aluguel. Tem uma relação com uma mulher que mora e trabalha no bairro da Cachoeirinha. A namorada tem duas filhas adolescentes e uma filha adotiva de um ano.

Por fim, Eliana está em situação de rua há quase um ano e meio. Não soube nos dizer o que a levou à situação de rua. Possui hoje um emprego fixo e está buscando um lugar para morar, para onde possa trazer sua filha de 18 anos.

3. Lições aprendidas

Selecionamos neste relatório algumas mudanças que sugerimos possam ser feitas para os próximos processos de seleção.

3.1 Relação com entidades

Como exposto acima, a resposta das entidades não foi tão intensa quanto se imaginou. Percebeu-se que muitas entidades acionadas trabalhavam com famílias que recebiam menos de dois salários mínimos, ou que já estavam na fila para receber um apartamento por meio dos movimentos de ocupação, por exemplo. Outras entidades acabaram por pré-selecionar a candidata e indicar apenas uma família, seja porque não queriam indicar outras famílias ou para evitar que se criassem expectativas frustradas.

É importante dizer que, quando recebemos poucos formulários de volta, formulamos a hipótese de que as instituições escolhidas não cumpriam o perfil do que estávamos procurando, pois elas não atendiam a uma população inserida no mercado imobiliário de aluguel da cidade. Isso resultou verdade para algumas das instituições contatadas, como a das Irmãs Scalabrianas e a

Associação Beneficente Santa Fé, em que as mulheres estão abaixo da faixa de renda estabelecida por FICA. Em outros casos, como foi o caso da Ocupação São João, a resposta foi negativa desde o começo, pois suas expectativas eram conseguir soluções coletivas ao problema da moradia, e não impulsionar alternativas habitacionais individuais para cada família.

A última rodada de contatos com instituições, porém, e especialmente na experiência de trabalho com o Centro Gaspar Garcia, mostrou que talvez o problema não tenha sido o contato com movimentos de moradia que procuram soluções habitacionais coletivas, mas o modo de relacionamento estabelecido entre o FICA e esses movimentos. Da mesma forma, é importante colocar como uma questão o fato de que a ocupação contatada pelo Centro Gaspar Garcia ser de tamanho pequeno, em comparação às outros movimentos de moradia, nos quais as indicações acabaram sendo quase todas de índole pessoal. Isso nos faz perguntar o seguinte: os problemas da primeira etapa do processo tiveram relação com as entidades escolhidas e sua escala, ou com nossa forma de relacionamento com elas?

Nesse processo, entendeu-se que é preciso construir mecanismos que conectem melhor o FICA com as entidades ou interlocutores das potenciais moradoras, encontrando e estreitando laços, por exemplo, com mais entidades que tenham acesso ao perfil de famílias que o FICA busca.

Durante a reunião final, em 1/6, Márcia e Fernanda sugeriram o estreitamento de laços com essas entidades e atores por meio de rodas de conversas, eventos em que se possa discutir o papel do FICA e entender o dia a dia das entidades, trocando experiências e criando relacionamentos.

Um outro ponto importante foi a articulação do FICA com outras formas de difusão da seleção, como nos comércios e serviços próximos ao local do apartamento. Isso poderia gerar uma oportunidade de que a família selecionada já tenha vínculos com o bairro do apartamento.

Também foi discutida a necessidade de investir em mecanismos que aproximem o FICA de comunidades distantes do centro, mas que tenham famílias que usam o centro como lugar de trabalho, de estudo ou de lazer. Esta aproximação nos traria a oportunidade de eleger famílias que estão distantes de suas rotinas produtivas ou de formação.

3.2 Formulário

Houve uma omissão simples, mas básica, no formulário: faltou um item com os dados de contato da candidata. Isso fez com que o contato com as candidatas pré-selecionadas fosse confuso e demorado, uma vez que tivemos de passar

pelas entidades novamente para conseguir o contato delas. Uma das candidatas nos ligou quando as entrevistas marcadas para dias 30 e 31 de maio já tinham finalizado. Por ter sido um erro nosso, abrimos uma exceção e fizemos uma entrevista extra dia 1 de junho na sede da Base Urbana, antes de a reunião final começar.

O formulário também não tinha a opção "ocupação" no tipo de moradia em que o/a candidato/a habita hoje, o que fez com que algumas famílias não preenchessem esse item.

3.3 Narrativa FICA

Fernanda e Márcia relataram que seria importante o FICA consolidar sua narrativa de forma que seja simples explicar seus objetivos e o que somos - as duas tiveram dificuldades em entender a missão da associação e de como explicar a outras pessoas. Isso é importante inclusive para as conversas com os futuros moradores deste e dos próximos apartamentos.

Este comentário traz uma questão muito interessante: o FICA sempre se preocupou com o discurso para os apoiadores financeiros, mas cuidou pouco do discurso para os apoiadores fins, moradoras e lideranças que tem outra vivência das questões da moradia no centro e pouca familiaridade com ações inovadoras como o FICA. Isso mostra que precisamos também afinar um discurso e um modo de aproximação com estas comunidades, entidades que não serão financiadoras do FICA mas usuárias de seus propósito maior que é prover habitação justa nos centros das cidades.

4. Conclusões

Apesar de alguns percalços durante o processo, que acabaram atrasando a finalização da seleção, o resultado foi extremamente positivo - e esses percalços nos mostraram pontos importantes que não devemos ignorar nas próximas experiências, como a questão do tempo para a pesquisa, a aproximação e o relacionamento com as famílias candidatas ao aluguel justo.

A relação com as entidades é superimportante e deve ser estreitada, para que a narrativa e a missão FICA estejam bem entendidas entre todos e ganhem mais parceiros. A entrada do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos na segunda parte do processo foi essencial, e podemos aprender bastante com o modo de trabalho deles: na hora de selecionar candidatas, por exemplo, eles fizeram uma reunião com moradores de uma ocupação com a qual trabalham, para explicar a

função do FICA, falar do apartamento e do perfil da família que estamos buscando. A nossa presença em futuras conversas pode enriquecer o processo tanto para as candidatas quanto para nosso entendimento do perfil dos moradores.

Apesar de esperarmos 30 formulários de início, acreditamos ter sido positivo recebermos apenas 12, com a seleção de 6 para entrevistas. Já foi difícil nesse primeiro momento fazer uma seleção, e seria ainda mais se tivéssemos mais candidatas. As entrevistas também são intensas, e se o perfil está alinhado, não é preciso ter muito mais candidatas para uma vaga - opinião compartilhada pelas entrevistadoras e pelo GT de seleção

Foi essencial termos contado com a experiência de Fernanda e Márcia, que trazem uma perspectiva diferente ao processo, e têm uma visão mais integral das candidatas. Vale sublinhar a intensa conexão entre as duas profissionais, apesar de nunca terem trabalhado juntas. As duas tiveram sempre avaliações similares das candidatas, as entrevistas tiveram participação igualitária das duas e ambas concordaram com a classificação final por motivos semelhantes.

Por fim, o GT fica muito feliz em ter cumprido a tarefa de selecionar a moradora do Apartamento #1 do FICA e, assim, ajudar a escrever a história da associação. Prontos para a próxima!

Anexo 1: Formulário das entrevistas

O formulário das entrevistas pode ser acessado no link abaixo:

<https://drive.google.com/open?id=1BiVXJqkmw8POVQS-v1WSQPGJJUKCOrmh>

Anexo 2: Considerações de Marcia Arantes, psicóloga

3/6/2019

Reflexão a partir das entrevistas realizadas com famílias candidatas à locação do imóvel do Projeto FICA

Destaco aqui um aspecto que me pareceu bastante importante no perfil das pessoas entrevistadas, e que, na lembrança que fiz de nosso encontro de finalização, não me pareceu devidamente realçado.

Trata-se do fato de que todas as entrevistadas 'QUEREM' morar no Centro. Isso merece destaque uma vez que não é algo frequente na escolha de moradia na população com as características sócio econômicas dessas famílias, que geralmente definem muito mais a escolha do imóvel por condições financeiras para assumi-lo, do que pelo gosto pela região.

Esse desejo vem ancorado em considerações a respeito de escola próxima para os filhos, proximidade com o local de trabalho, opção também próxima de lazer nos finais de semana. Parque e SESC (24 de maio e Bom Retiro) são citados com frequência nesse quesito.

Quando o cidadão consegue conciliar sua preferência com a possibilidade que lhe é oferecida, potencializa-se seu comprometimento com a escolha. Será um cidadão muito mais propenso a contribuir com a conservação, promoção de melhorias, engajamento com a comunidade local. Acredito que um projeto como o FICA tem muito a ganhar com isso, uma vez que, para seu sucesso, depende também desse exercício de cidadania.

Quanto às demais considerações sobre as entrevistas, acredito que estejam devidamente registradas.

Anexo 3: Considerações de Fernanda Almeida, assistente social

5/6/2019

Minhas considerações sobre o processo das Entrevistas

Acredito que em nossa reunião de sábado (1/06) conseguimos expor os principais pontos desse rico processo de seleção, exponho aqui alguns elementos que merecem destaque.

Aluguel X Propriedade Privada

Considerei bastante interessante a relação das famílias com a ideia do aluguel como modalidade de acesso à moradia. Digo isso, pois, em geral existe uma cultura entre as famílias de baixa renda na busca pela aquisição do imóvel. Exceto a última candidata que mencionou claramente ter como objetivo adquirir um imóvel, todas as demais pareciam tranquilas com a proposta de pagar um aluguel com valor “justo”. Destaco esse ponto, na medida em que esse elemento pode (e deve, na minha opinião) ser trabalho como mudança de paradigma para o acesso e barateamento dos imóveis na região central, criando oportunidades de democratização do acesso aos bens e serviços dessa rica região.

A gentrificação é uma realidade

A gentrificação é um consenso entre estudiosos do tema, no entanto, suas determinações concretas (como são sentidas pelas famílias pobres) muitas vezes são apresentadas em relatórios técnicos com pouco ou nenhum impacto na discussão cotidiana da cidade. O relato das moradoras tem um valor simbólico valiosíssimo. Quando uma mãe (Mariana) diz: *“eu preciso sair da ocupação, pois não quero expor meus filhos ao risco do despejo”* ou ainda, *“eu até tenho algum dinheiro para pagar o aluguel, mas as regras das imobiliárias são horríveis. Não aceitam crianças... eu não posso esconder meus filhos, tenho três, não posso esconder dois.”* Ou seja, são múltiplas as determinações desse processo de expulsar as famílias pobres, isso vai desde as marcas objetivas na vida dessas pessoas – não ter mais condições de pagar os valores exorbitantes e sair – até um tipo de violência que é simbólica, praticada por diversos atores sociais envolvidos direta e indiretamente nesse processo.

O processo de entrevista

Não foi difícil chegar à “candidata aprovada”, assim como, criar uma classificação entre elas, acredito que esse fato se deve em primeiro lugar pelos critérios por vocês apresentados e previamente discutidos. Estava muito claro quais eram as necessidades do FICA, tanto do ponto de vista da “primeira inquilina”, quanto ao perfil socioassistencial. No mais, as entrevistas devem ser detalhadas, mas não podemos aprofundar muito, (40 minutos é mais que suficiente) pois, o contato com essas pessoas será breve e pontual, por isso o elemento expectativa e condições de encaminhamentos das questões apresentadas devem ser observados. Como em geral a carga social e emotiva são sempre muito impactantes, as entrevistas não podem ser transformadas em espaço de atendimento e encaminhamento de demandas (embora tenhamos feito algumas).

A narrativa do FICA

Como discutimos no sábado a “narrativa do FICA” precisa ser trabalhada entre as lideranças e as famílias. Quando explicamos para elas os objetivos do projeto rapidamente elas compreendem. Essas pessoas sentem cotidianamente o medo do despejo, elas estão percebendo as mudanças, a seu modo reproduzem esse sentimento, seja no medo do despejo, na burocratização do acesso, na percepção de ausência de oferta mesmo sabendo que existem unidades vazias. Essas famílias são portadoras de uma forma de morar no centro que os novos moradores – classe média (hipster) – não necessariamente valoriza. Ainda há vizinhança e comunidade.

Por fim, eu sublinho a necessidade de construir espaço para dar voz para essas pessoas. Tudo que denunciamos ou reivindicamos como concepção de democratização do acesso aos bens públicos e do direito à cidade são vivenciados por elas – seja na negação ou afirmação desses direitos. A ideia do FICA tem que estar na fala dessas pessoas, elas precisam saber defender a ideia de um aluguel social com valor justo e com condições dignas de habitar e construir suas vidas e relações.

Anexo 4: Formulários preenchidos

Todos os formulários preenchidos podem ser acessados no link abaixo:

<https://drive.google.com/drive/folders/1hDB9NHcbnqaRqpbQpm-4b7xE5u7rmddb?usp=sharing>